

## Mais de 40 homens vivem “Encafuados” num cubículo

*O Independente*

*24 de Janeiro de 2009*

No Bairro Seco, localizado na zona do Benfica, 40 Petizes e adolescentes partilham, há mais de cinco anos, O mesmo habitat, um espaço limitado, sem quaisquer Condições que dignifiquem o ser humano. Os que Chegam tarde são obrigados a dormir ao relento, mas Quando acontecem as quedas pluviométricas a Compreensão é mútua. Nesta altura todos mantêm-se De pé e em prontidão para que não sejam arrastados Pelas águas da chuva.

Quando chegamos à chamada "Casa dos 40 homens", Ficamos com a sensação de que ninguém habita nela.

Tem janelas feitas de papelão e portas de ferro Revestidas com papelão. Totalmente fechada, com Várias peças de roupa interior e exterior estendidas por Tudo quanto era canto e nos arredores do imóvel, era Perceptível, por perto, o cheiro horrível que se fazia Sentir através das janelas.

Para nosso espanto, naquele mesmo momento surgiram Mais nove elementos, que se vinham juntarem àquele "Exército" de homens, todos eles provenientes da Província do Huambo, sem qualquer tipo de bagagem, Todos mal apresentados, disponíveis para qualquer tipo de emprego.

São cerca de 40 homens, nome, e número, atribuído à rua. O número dos habitantes do cubículo varia do dia para noite, em função das dificuldades de emprego que se vivem um pouco por todo o país.

As condições de vida nos locais de onde vêm não são as melhores, mas aqui em Luanda acabam por encontrar ainda o pior! A viverem em casa arrendada de aproximadamente 7 metros quadrados, sem água nem luz, com inexistência de quarto de banho e cozinha, estes concidadãos têm que pagar, ao fim de cada mês, a quantia de aproximadamente USD 100.00, repartido por todos.

Condições de habitabilidade desastrosas

Afonso Agostinho, um jovem com aproximadamente 30 anos de idade, disse à nossa reportagem que estão em Luanda "somente para trabalhar" e que todos têm "a consciência limpa de que não se deve admitir mulheres no interior da residência e de todas as necessidades devem ser realizadas fora da residência".

A nossa reportagem pôde visualizar as dificuldades por que passam estes concidadãos e, coincidentemente, aproveitou o momento para falar com Joaquim Abílio, o responsável pelo imobiliário, que nos disse que "só permite que estes elementos continuem a ocupar o imóvel porque ao mesmo tempo eles o protegem". Mas também reconhece que as condições de habitabilidade "são desastrosas".

"Às vezes somos molestados por rapazes delinquentes que nos retiram todo o dinheiro logo no fim da jornada de trabalho. Eles ameaçam-nos com arma branca e, por vezes, chegam mesmo ao ponto de nos pontapearem... No Huambo o emprego não está fácil de encontrar! Aqui em Luanda é mais fácil. Não se morre à fome... por isso estamos aqui para trabalhar e não para mexer em coisa alheia", desabafou o jovem António, que teve de abandonar a escola em busca do emprego que, seguramente, vai lhe permitir ajudar a alimentar a sua família.

35

Estes compatriotas, vulgo "roboteiros", abandonam a casa comum logo pela madrugada, com os seus carros de mão, em direcção ao mercado principal do Benfica e arredores à procura de biscates, e só regressam ao anoitecer. Quando chegam não têm outra opção senão juntarem-se em grupos de cinco para partilharem a refeição da noite. Peixe seco com funje de milho é o ideal, para quem passa o dia a carregar sacos, material de construção, grades de cerveja, cimento, entre outros produtos. Nesta residência a compreensão dos moradores é boa. Eles chegam mesmo a considerar-se como verdadeiros irmãos, tanto nos momentos difíceis como nos mais fáceis.

Joaquim Abílio, o proprietário faz um apelo: "Peço à Administração da Comuna do Benfica para que crie condições de trabalho para estes jovens que têm vontade de trabalhar e para ver Angola a crescer."